

JOÃO PAULO II E BENTO XVI: GUARDIÕES DA FÉ CATÓLICA!



João Paulo II e o Cardeal
Joseph Ratzinger

por Paulo Faitanin/ Dept. Filosofia –UFF

O primeiro semestre do ano de 2005 foi histórico para a Igreja Católica. Depois de um longo pontificado de intenso trabalho apostólico e sofrimentos anunciados na mídia, terminou o pontificado de João Paulo II. Em Lourdes suas lágrimas nos revelaram um *homem demasiadamente humano* como nós, porém, mais humano do que muitos de nós, por não ter vergonha de mostrar pela força da humildade a sua fé e reverência ao que de divino transcende na pessoa da Mãe de Deus, e que não vêem os olhos do preconceito e do orgulho. Estes sofrimentos testemunhados nos últimos anos mostravam a força desumana de um homem que incansável na fé lutou até o fim com a armadura da coragem e perseverança. Que homem sem a graça divina faria o que ele fez? A graça de Deus revigora o que de fraco há no homem, transbordando-o em força. Uma virtude salta à vista: a *coerência*. Virtude que se anela a duas outras: humildade e obediência. A *humildade* é a verdade do reconhecimento de nossas limitações, fraquezas e misérias. A *obediência* é o exercício pleno da humildade. Sua coerência e firmeza se manifestam nas catequeses acerca das Verdades de Fé. Verdades que são a Lei de Deus reveladas em nós por Cristo e para a salvação do homem. *Deus feito homem revelou ao homem o próprio homem*. A Verdade é de Deus, mas dada aos homens como remédio salutar para a natureza. Sendo de Deus ela é eterna e imutável. Cabendo ao Sumo Pontífice não ser senão, entre os homens, o guardião deste tesouro inefável. O *Dogma* é esta Verdade de Fé afirmada e confirmada pela Igreja para o mistério salutar dos homens. Nenhum Papa inventa Verdades de Fé, senão que a guarda mesmo enquanto instrumento imperfeito, como bem sentenciou recentemente o Sumo Pontífice Bento XVI, ao dizer que Deus sabe "que pode trabalhar e agir mesmo com meios insuficientes" [O Globo, 20/ 04/ 05 p.2. Especial]. O ardor caritativo e o trabalho apostólico de João Paulo II foram intensos nestes anos de papado. Sempre aberto ao diálogo, seguro na fé e nas leis que fundamentam nossa fé, João Paulo II foi coerente até o fim. Manteve a Igreja aberta ao diálogo, sem ceder à Verdade de fé concessões, ajustes e adaptações. Deste modo, é critério e coerência que o Sumo Pontífice sendo guardião da Fé, a guarde na doutrina. Incoerente seria que sendo guardião da fé e da

doutrina não o fizesse. Por isso, não justifica a sentença, como a que foi plasmada na portada principal do *Jornal do Brasil* de 20/ 04/ 05, em letras garrafais que “A Igreja se fecha na doutrina”. Contraditório e incoerente seria se não o fizesse. É oportuna e esclarecedora a análise que fez Joelson Beting no *Jornal da Band* do dia 19/ 04/ 05 onde afirma: “Ora, a religião tem de ser conservadora por definição, natureza e necessidade. Conservadora no justo perímetro dos dogmas de fé. Não se deve tratar a verdade da fé pela ótica da verdade de razão. Muito menos, prejudicar a religião pela ótica da política. A religião é canônica. A política é camaleônica. Quando uma invade a seara da outra, está arrumada a desgraça do mundo. A igreja que se politiza ou até se partidariza em nome da salvação do mundo acaba por envenenar-se com a própria saliva. Respeitemos, pois, a verdade de fé”.